

Inflação é a gota d'água

SÔNIA ARARIPE

Não foi a primeira, e dificilmente será a última vez, que um ministro da Fazenda é nocauteado pela inflação alta. Nos últimos anos praticamente todos os ministros da área acabaram *fritados* pelos altos números divulgados a cada mês espelhando o custo de vida dos brasileiros. De Dilson Funaro a Paulo Haddad, os pivôs das crises que levaram à demissão se alteram, mas a gota d'água tem sido sempre o *dragão* inflacionário.

Desta vez, o mineiro Paulo Haddad pode tentar alegar que já pegou o *bonde* andando. Em dezembro do ano passado, quando aceitou acumular além da pasta do Planejamento, também a da Fazenda, a inflação do mês já estava praticamente definida.

A herança do seu colega da área, Gustavo Krause, em dezembro foi um número de 25,08%, medido pelo IGP-M, da Fundação Getúlio Vargas, mais utilizado pelo mercado financeiro, e de 23,70% tomando como base o IGP, também da FGV.

Descontentamento — Mas a gota d'água foi mesmo a divulgação do número do IGP-M de fevereiro, que desta vez foi realmente um *filho* do ex-ministro. Chegou a 28,42%, bem diferente da expectativa de Haddad, que insistia em afirmar que seria menor do que o

de janeiro, de 23,43%. O IGP ainda não foi anunciado, mas também não deverá ser animador.

O presidente Itamar, que já vinha *fritando* seu ministro da Fazenda há algumas semanas, resolveu enfrentá-lo de frente, mostrando que não estava satisfeito e gostaria de ver resultados mais positivos.

Sem choque — Haddad saiu cumprindo o que insistiu em afirmar durante todo o tempo: não faria choque, pacote ou congelamento. Mas também não pode se orgulhar de ter conseguido sequer diminuir um pouco do fôlego do *dragão* inflacionário, que agora já está à beira da casa dos 30%.

Nos últimos tempos, todos os ex-ministros tentaram saídas milagrosas para acabar com o ritmo acelerado desta taxa: depois de Dilson Funaro ter lançado o Plano Cruzado, os brasileiros viram uma sucessão de pacotes, como o Bresser, e mais tarde o Plano Collor.

O mais resistente foi Mailson da Nóbrega, que começou interinamente e acabou ficando no cargo por exatos 27 meses. Haddad, assim como seu sucessor Gustavo Krause, entram para a história como os dois ministros da área que mal tiveram tempo para esquentar a cadeira. Ficaram ao todo dois meses e meio cada um no posto. Mas foi tempo suficiente para serem *fritados* em fogo alto.